

AQUELES OLHOS

Luiz Fernando de Oliveira¹

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Universidade Federal de Lavras (UFLA)

luizfernandodeoliveira@gmail.com

A saudade dói como um barco que aos poucos descreve um arco...

– Chico Buarque de Holanda

Dimitra amava São Tomé e Príncipe, onde chegou depois de longa jornada n'uma carruagem de espuma. Ela nasceu na Rússia, mas sua família foi dar naquelas ilhas quando ela ainda era menina. “Boniteza demais morar onde tem mais água que terra”, pensava, e pensava falando, sorrindo para o nada. O azul do Mar daquelas Áfricas deixava a menina encantada

– Azul é cor bonita, azul vai ser a cor de olho do meu bebê.

Ela que só tinha bonecas, todas brancas, queria ter um filho preto assim que crescesse, um filho que morasse dentro d'uma pele com o brilho do Sol, feito os anjos com os quais sonhava. “Preto de olho azul, da cor desse Mar salgado”, pensava, e pensava suspirando. “Azul é alegria, igual à pele brilhosa desse povo”, falava, e falava com verdade de alma.

– Mãe, queria tanto uma trança. No meu cabelo não para trança. Liso por demais, assim. Queria que meu cabelo fosse o Mar, crespo, cheio de ondas, p'ra trança parar, feito igual que nem os cabelos das minhas amigas da escola. Cabelo enroladinho, precisa de ver, cheio de cachos, uvinhas d'uma alegria diferente.

Russa de cabelo liso e quase branco de tão loiro, seus olhos não eram azuis, mas de um castanho clarinho, clarinho, clarinho. “Olho de mel, será?”, ela refletia, e

¹ Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Autor de livros e artigos acadêmicos e literários.

refletia com dúvida que criança gostaria de ter. Entregar a uma criança um mundo pronto é muita covardia, e ela sabia disso: “la ser bom se a gente criasse o mundo do nosso jeito, sem palpite pronto de adulto”, dizia, e dizia com alma aberta a tudo que fosse novo, a tudo o que fosse leve.

Cresceu. É moça! Viu a vermelhidão sofrida de ser menina-grande. Viveu paixões e amores. Namorou. Namorou. Namorou. Não deu certo. Namorou. Namorou. Namorou. “Deu certo nada”, chorava, e chorava lágrimas salgadas, porém sem cor. Adulta, já não via o azul do Mar no sal que traçava linhas cintilantes no seu rosto pálido.

– Lágrima, quando chega na boca, salga a língua.

Dimitra descobriu que sal nem sempre é alegria: “Choro é salgado igual ao Mar azul”, lamentava, e lamentava ao mirar seu colo, onde as gotinhas dos olhos eram depositadas até virarem vapores de tristeza, “feito igual que nem água que vira chuva depois que o sol esquenta e ela sobe e sobe e sobe...”, imaginava, e imaginava com uma esperança cansada.

Mas, aí, veio Adamastor, moço daquelas ilhas, com quem se casou.

Vestiu sua pele clara com um branco mais branco ainda, antes d’ele se escurecer até se empretecer:

– Sinto falta do Adamastor, homem bom, de pele brilhante como o Sol que faz caminho de luz no Mar. Sei, eu sei: ele está bem. Ele me deixou Jonas, só depois tomou a carruagem p’ro Horizonte. Levou juntinho dele, guardada com todo o afeto, a lembrança do olhinho do menino.

O Sol amarela o Mar com raios retos que ficam tortos sobre as ondas. Amarelidão misturada ao azul fica parecendo berilo, pedrinha que Dimitra conheceu já adulta, e que pode ser de cores diferentes: “Mas a amarelada é mais bonita, e parece meus olhos”, repetia-se, e repetia-se cheia de um sentimento que ela nem sabia qual era, mistura de alegria e saudade.

– Ninguém me disse nas aulas de Matemática que alegria + saudade = é isso que chamam de amor... Se eu tivesse crescido e vivido na Rússia, eu jamais ia

saber o que significa saudade. Só sente saudade quem fala a língua que eu falo e que entendo e eu amo... Amor é bom, mas dói.

Andrei Klutcnikas, seu pai, viajou ao Céu numa carruagem branca como a neve da Sibéria, onde Dimitra nunca gelou os pés...

Irina Klutcnikas, sua mãe, deve ter sido recebida por ele com um abraço de “namorados para sempre”, ela entendia, e entendia como os entendedores fazem...

Ah, sim, ela não teve irmãs, nem irmãos, nem cachorro ou bicho outro a que pudesse alisar os pelos e as penas e as peles. Ela teve bonecas brancas de olhos sem graça, pelas quais sentia um “amor de plástico”, hoje ela sabe, e sabe com uma sensação salgada e doce e alegre e triste e esperançosa e um monte de coisas mais...

– Adamastor, marido bom, Irina, mãe maravilhosa, Andrei, paizão... Todo mundo longe...

Mas a história termina bem. Ou melhor: ela não termina. O que acaba deveria ser só o que é ruim, o que é pesado. Jonas é um menino alegre, sadio, brincalhão, inteligente, amoroso e amigo da mãe.

Quanto mais os anos passam, mais a felicidade do garoto aumenta, e a da mãe também, por saber que Jonas vai se tornando...

... jovem, adulto, moço-pai-de-família que vai dando netos à dona Dimitra, ou à vó Didi, como falam.

– Bom nascer no frio, que é belo também, e viver no calor dessa gente azul, cheia do sal da vida, pele luminescente, amiga e o que vier – exclamava, e exclamava cantando a música das nuvens, as mesmas nuvens que um dia assumiriam a forma de uma carruagem de gelo, mas de um gelo quente – esquisito, mas nessa história tudo pode –, enfim, quente e salgado e doce e alegre e cheio de saudade...

Não temos saudade do que é ruim. Saudade a gente tem do que é bom.

Dimitra tem saudade do pai, da mãe, de Adamastor, das bonecas sem graça, das risadas, da escola, da pracinha com mato cheio de picão a coçar-lhe o corpo, do Mar, do Sol que a cada dia é novo. Saudade de tudo, enfim...

Fim

Mentira. Essa pessoa aqui se esqueceu de dizer a você o que há de mais lindo na história dessa mãe: Jonas, o filho amado, tem a pele preta, com o brilho daquele Sol que amarela o Mar. Sobre seus olhos? Ah!, um deles é azul-turquesa, o outro é verde-água. O sorriso do menino-moço-homem é perfeito como queremos que a vida seja. O seu sorriso é o de uma criança que nunca deixará de ser...

... sim, ele tem cachorros, gatos, galinhas e suas crianças, netas e netos de Dimitra, que sempre brincam com bonecas de pele preta e cabelos cheios de cachinhos, iguaizinhos ao crespado do mar abençoado pelo Sol.

Recebido em: 13/05/2026
Aprovado em: 20/05/2026